

INFORMATIVO CAMPANHA DO JAVARI Nº 3

Não precisa passar muito tempo, para que novos acontecimentos, alguns importantes, venham interferir ainda mais na difícil situação dos povos indígenas do Vale do Javari. Vamos relatar-lhes aqui as últimas notícias referentes a esta área e aos trabalhos da Campanha Javari, desde Janeiro de 86, época do nosso último boletim informativo.

Campanha Javari

Conforme já anunciado, durante o primeiro semestre 86, trabalhamos na preparação do lançamento oficial da Campanha Javari. Esta foi lançada durante a 38ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) que ocorreu em Julho 86, na cidade de Curitiba. Para este evento foram elaborados um folheto e uma revista, contendo informações atualizadas sobre a realidade local e apresentando as propostas básicas da Campanha Javari. Para este trabalho, contamos com o apoio e a colaboração do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informações), o que permitiu a agilização de todo o processo de edição do material.

Ainda para a SBPC; foi montada uma exposição fotográfica (foto a cores e Preto x Branco 20x30) que representava a vida de alguns dos grupos indígenas do Javari.

Para o encontro do lançamento pudemos contar com a participação da UNI, além do respaldo de outras instituições.

Neste Congresso que conta com a participação ampla da sociedade científica, pudemos observar o grande desconhecimento existente no que se refere a realidade indígena, principalmente na região norte. O mesmo vale para as questões da Amazônia, problemas de desmatamentos, grandes projetos, etc... E de trazer informações a respeito destas questões suscitou um grande interesse por parte de pessoas ou instituições, que se mostraram desejosas de possuir informações mais constantes sobre o assunto, e não raro, de trazer alguma contribuição maior na Campanha Javari.

Isto abriu novas perspectivas no sentido de catalizar este interesse numa ação mais organizada através da formação de pequenos grupos de apoio à Campanha.

No mês de outubro, viajamos novamente até o sul do país, a fim de retomar contato e discutir mais com as pessoas interessadas a organização deste grupo de apoio.

Para concretizar esta proposta, organizamos uma semana de divulgação nas cidades de Rio de Janeiro e Manaus, onde montadas exposições fotográficas, e realizadas palestras, além da divulgação através dos canais de comunicação (rádio, imprensa, TV, etc...)

Em outras cidades como Curitiba, São Paulo, Goiânia, realizamos diversos contatos na perspectiva de formar ou fortalecer grupos interessados em apoiar a Campanha, ou de ver a possibilidade de colaboração por parte de entidades ecológicas, indigenistas, universidades, etc...

Ainda quanto a organização da Campanha, a partir de janeiro de 87, funcionará um secretariado da Campanha em Brasília. Contamos para isto com o apoio do Cimi Nacional que oferece o espaço e a infra-estrutura necessária, na sua sede central. Após diversos contatos, encontramos uma pessoa para atuar no secretariado, cuja função será de atender todas as atividades de divulgação, respaldar e acompanhar os grupos de apoio, e articular os mecanismos de pressão necessários.

Situação atual no Javari

A situação dos grupos indígenas do Vale do Javari sempre está tão crítica, uma vez que a assistência da Funai em nada melhorou e que, por outro lado, a área indígena permanece completamente invadida por madeireiros e seringueiros. Absolutamente nenhuma medida fora tomada para fazer respeitar a interdição da área de abril de 1985. Isto provocou novos conflitos entre frentes madeireiras e grupos isolados que reagem a invasão de seu território.

Assim em março deste ano, uma das turmas de madeireiros que atuou no Igarapé São José (afluente da margem direita do rio Itaquai) foi atacada pelos índios conhecidos como "flexeiros" por invadirem o seu território. Os madeireiros comentaram que apenas um dos homens foi ferido de uma flechada e acrescentaram: "os índios quiseram nos fazer fugir de suas terras. Não nos mataram mesmo porque não quiseram".

Neste mesmo Igarapé São José, se encontram atualmente 100 homens trabalhando na madeira para o patrão Flavio Azevedo.

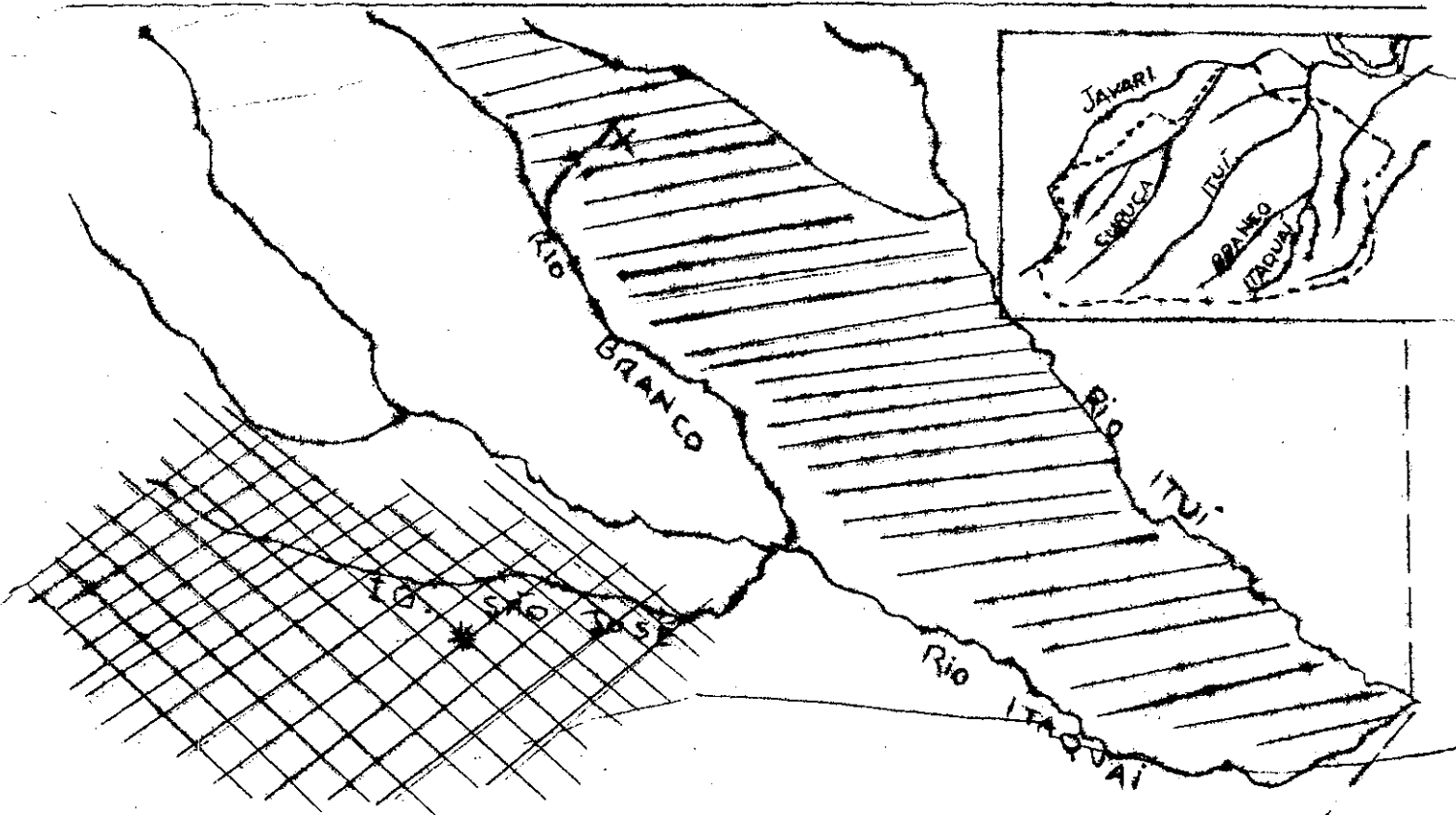
É importante ressaltar que uma nova safra de madeira recomeçou entre os meses de agosto e setembro deste ano. Assim sendo, todas as turmas de madeireiros subiram os diversos rios do Vale do Javari até os seus locais de trabalho, em plena área indígena, inclusive no território de grupos isolados. Estas invasões estão ocorrendo numa escala sempre maior, apoiadas pelas indústrias madeireiras locais que visam aumentar a sua produção. Nesta perspectiva a Empresa Exportadora dos irmãos Graças LTDA, está construindo mais duas serrarias no município de Benjamin Constant, que serão igualmente às outras, abastecidas com a matéria prima proveniente do Vale do Javari.

Estas invasões prejudicaram novamente os índios quando no dia 06 de novembro de 86, a morte dos madeireiros Armando Lopes e José Gomes Teixeira, no rio Branco (afluente da margem esquerda do Rio Itaquai), foi atribuída a um conflito com os índios Korubo, chamados na região de índios "casseteiros", por usarem como armas cassetes de madeira. Estes madeireiros se encontravam tombando árvores de cedro em pleno território dos índios Korubo.

Mas, ainda não são comprovado o envolvimento dos índios neste conflito, uma vez que outras fontes de informações locais, tratando da morte dos dois madeireiros, se referiram à conflitos entre os próprios madeireiros. Sustentam ainda mais esta versão devido a constantes contradição das

testemunhas, que teriam escapadas do massacre, no relato do incidente.

De qualquer forma, este fato atinge diretamente a integridade dos índios, seja pela invasão de seu território ou ainda pela imagem preconceituosa veiculada pelos madeireiros, apresentando os índios isolados como violentos, primitivos, e sobretudo responsáveis pelas mortes ocorridas. Isto vêm aumentar ainda mais a animosidade existente na região contra os índios que resistem, a qualquer custo à invasão de suas terras.



+ Local onde ocorreu a morte dos 2 madeireiros

* Local do conflito com os índios flexeiros

/// Área dos índios Kuru

Área dos índios flexeiros

Esta situação demonstra mais uma vez a necessidade imperiosa de conseguir a retirada dos madeireiros das áreas indígenas. Solicitamos aqui o apoio de todos, nos ajudando a denunciar estas violências, para que medidas enérgicas sejam tomadas a fim de garantir a sobrevivência destes grupos ainda isolados do Vale do Javari.

Neste sentido, encaminhe o seu protesto aos endereços relacionados em anexo, solicitando a retirada das equipes de madeireiros, principalmente das áreas dos grupos isolados:

- rio Itaqui e seus afluentes Branco e São José, Uchoa.
- rio Esquerdo, afluente da margem direita do rio Quixito.
- rio Coari, rio Negro, afluentes do rio Ituí.
- rio Pardo, afluente da margem esquerda do rio Curuca.

Situação da Terra

Nos trâmites burocráticos da Funai, a questão da área indígena do Vale do Javari se encontra mais uma vez paralizada. Em três oportunidades, 1972, 1980, 1985, foram realizados levantamentos desta área indígena objetivando a definição de seus limites. Contudo, os dois últimos levantamentos serviram apenas para atualizar os dados existentes e satisfazer novas normas administrativas no processo de delimitação e demarcação das terras indígenas.

Assim sendo, as informações levantadas em abundância, nunca foram instrumentalizadas para atender os objetivos propostos. Os resultados destes trabalhos de campo permaneceram engavetados, até que, com o passar do tempo, se tornasse defasados. O mesmo está acontecendo com o último levantamento etnográfico realizado em 85, com a participação de membros da Campanha Javari, uma vez que a complementação deste trabalho a respeito da localização de alguns grupos isolados, previsto pela Funai para início de 1985, ainda não foi realizada.

Enquanto isto, todo o processo 1074/80 que trata da situação da terra do Javari, um dossiê com mais de mil páginas, perambula entre os meandros da administração da Funai em Brasília. Como consequência direta disto, retarda-se sempre mais a possibilidade de apresentar a proposta de delimitação da terra ao Grupo Interministerial (Minter, Mirad, Funai) que deverá analisá-la.

Informações da Funai deram conta que a A.I. Javari, será apresentada a este Grupo em 1987.

Ação Popular

A Ação Popular lançada em agosto de 1985 por vários Bispos da CNBB e membros do CIMI, contra a União Federal, Petrobrás, FUNAI, CBG (Companhia Brasileira de Geologia) e ainda contra as autoridades que subcreveram o convênio entre a FUNAI e Petrobrás, permitindo a esta realizar pesquisas sismográficas no território de grupos isolados localizados no Vale do Javari, está tramitando na 7ª Vara da Justiça Federal em Brasília.

A Ação foi motivada devido aos danos causados à integridade dos grupos isolados e ao Patrimônio Público. A Petrobrás, CBG, FUNAI, União e o Sr. Shigeaki Ueki já responderam a citação do Sr. Juiz Dr. Murat enquanto os ex-Presidentes da FUNAI, Srs. Paulo Moreira Leal e Gerson Alves não responderam no prazo estabelecido, perdendo assim a possibilidade de se posicionarem frente aos argumentos dos autores. As contestações apresentadas pelos réus, se baseiam principalmente no fato de não existir mais o ato impugnado, isto é o convênio entre FUNAI/Petrobrás, rescindido em abril de 1985.

Mas o argumento não convence, uma vez que a ação popular tem como objetivo a anulação do ato lesivo, a condenação dos responsáveis e o ressarcimento pelos danos causados. A Ação se encontra atualmente em sua

fase de especificação de provas, e teremos que comprovar que os trabalhos da Petrobrás e das Companhias por ela sub contratadas, pela invasão do território indígena, causaram graves lesões ao patrimônio público, ao equilíbrio ecológico, à flora e a fauna, e aos direitos inalienáveis das populações indígenas.

As perícias antropológicas e ecológicas serão realizadas "in loco" por pesquisadores do INPA que aceitaram colaborar na tarefa.

PMACI

A área indígena do Vale do Javari foi incluída no PMACI II (Projeto de Proteção do Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas), e considerada como uma das áreas de influência da BR 364.

Deverá ser realizado em 1987 o levantamento das necessidades dos Povos Indígenas do Javari, com o objetivo de estabelecer critérios para uma assistência condizente com a sua situação, nos setores de saúde, educação, projetos econômicos, etc..

A política proposta pelo PMACI se faz no sentido de não atrair ou contatar os grupos isolados, o que é também defendido pela Equipe da Campanha Javari.

Últimas informações da área.

(Complementação de informações a respeito das mortes na área dos índios "Korubo", no rio Itaquai)

Informações de última hora vieram confirmar que a morte dos madeireiros Armando Dias Lopes de José Gomes Teixeira, no dia 06 de novembro foi causada por um ataque dos índios isolados "Korubo", apelidados de "casseteiros", na defesa de seu território.

Os índios "Korubo" vivem no seu habitat tradicional localizado no Vale do Javari, na área delimitada pelos Rios Itui, Itaquai e Branco.

É neste último rio que duas turmas de madeireiros a serviço do patrão Flávio Azevedo, se encontravam extraíndo madeira de cedro em pleno território "Korubo". Para alcançar os seus locais de trabalho, no seringal Extremo de Cima, os madeireiros subiram o rio Branco desde sua foz durante doze horas de barco e de lá penetraram por varadouro mais três horas e meia para o centro do território dos índios, até alcançar o primeiro acampamento de trabalho onde ocorreram as mortes. Ali se encontram 4 homens, dois dos quais conseguiram escapar do ataque. A outra turma de madeireiros (com suas respectivas famílias) se encontrava ainda uma hora mais para o centro da mata.

Frente a diversos boatos que surgiram na cidade de Benjamim Constant quanto a origem das mortes, as famílias das vítimas resolveram, por iniciativa própria, realizar uma vistoria no local com a finalidade de também recuperar os corpos.

Esta comissão que recém voltou da área foi liderada pelo sargento Domingos Cabral do comando geral da PM de Manaus, irmão de uma das vítimas. Esta comissão foi composta por homens entre os quais os dois madeireiros que escaparam do ataque, um soldado da PM de Atalaia do Norte, alguns familiares das vítimas e dois irmãos do patrão Flávio Azevedo.

A comissão passando pela base da Ajudância da Funai de Atalaia do Norte, solicitou o auxílio da Funai, pedindo que alguém os acompanhasse. Não houve qualquer interesse por parte dos funcionários locais, que argumentaram dizendo não poder se deslocar para área sem autorização de Manaus ou Brasília.

A comissão chegou ao local verificou que os vestígios encontrados e o modo como se deu a morte dos madeireiros, não deixou mais dúvidas quanto a um ataque dos índios "Korubo". Encontraram inclusive outro casete dos índios no varadouro.

Constatando que o trabalho de extração de madeira era realizado em pleno território indígena o sargento Domingos Cabral culpou os madeireiros por invadirem o território dos índios e a Funai por não tomar nenhuma providência. "Não tenho raiva dos índios, mas sim dos madeireiros que são cabeça-de-pau de entrar na terra dos índios. E também da Funai que não proíbe a entrada dos madeireiros". Afirma ainda que as terras são dos índios e considera um absurdo que os madeireiros coloquem em risco a vida de inocentes, quando levavam para lá suas mulheres e crianças. Acrescenta ainda que os patrões se interessam apenas no dinheiro e na produção e pouco se importam com a vida dos trabalhadores.

Até o momento nem o patrão Flávio de Azevedo nem a própria Funai entraram em contato com as famílias das vítimas que ficaram sabendo do acontecido através de terceiros.

Apesar deste incidente que custou mais uma vez a vida de duas pessoas, o patrão Flávio de Azevedo ainda mantém três famílias de madeireiros no próprio rio Branco, território dos índios "Korubo".

Os "Korubo" sempre resistiram a qualquer violação de seu território, e desde 1972, às diversas tentativas mal sucedidas da FUNAI de contatos de atração, custaram a vida de 6 de seus funcionários e de um funcionário da CBG. Neste mesmo período aconteceram conflitos constantes entre índios e as frentes extrativistas acarretando a morte de pelo menos 15 não índios e de numerosos índios "Korubo", devido as reações violentas dessas frentes extrativistas à resistência dos índios

Frente a toda esta situação o CIMI, a OPAN e a Equipe da Campanha do Javari, responsabilizam diretamente a FUNAI e os patrões madeireiros pelas mortes ocorridas e denunciam:

1 - A negligência e o descaso da FUNAI por não fazer respeitar a Portaria de Interdição de Área Indígena do Vale do Javari nº 1849/E de 08 de abril de 1985 e não tomar qualquer medida em vista de impedir os conflitos, apesar de conhecer muito bem as consequências de tal omissão;

2 - A irresponsabilidade da FUNAI que não instalou nenhuma sindicância para apurar os fatos e as responsabilidades e tão pouco aceitou acompanhar a comissão organizada pelos familiares das vítimas;

3 - A omissão da FUNAI que mais uma vez fecha os olhos e faz de conta que nada aconteceu, deixando de notificar os fatos ou de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos, sem preocupação de dar qualquer satisfação que seja para as famílias das vítimas;

4 - A situação e o posicionamento da FUNAI na região do Alto Solimões e Javari que tem provocado pela sua ineficiência e irresponsabilidade maior número de conflitos entre as frentes extrativistas e os grupos indígenas' principalmente os isolados, reforçando ainda mais a animosidade e os preconceitos existentes na área contra os índios.

Denunciamos ainda a ação dos patrões madeireiros que atuam no Vale do Javari que além de explorarem os trabalhadores e conhecerem muito bem as áreas onde se localizam os grupos isolados, obstinam-se em enviar para lá os seus trabalhadores, colocando em risco as suas vidas e a dos próprios índios.

Frente a esta situação exigimos o imediato fechamento dessa área indígena retirando os invasores, principalmente da área dos grupos isolados, fazendo respeitar a Portaria de Interdição e exercendo o controle efetivo destas áreas.

Por outro lado é de fundamental importância que a FUNAI acelere o processo de delimitação e demarcação da área indígena do Vale do Javari, para garantir efetivamente a sobrevivência das 12 tribos indígenas que vivem nesta região e assim evitar novos conflitos que acarretarão sem qualquer dúvida novas perdas de vidas humanas

Bênjamim Constant, 03 de dezembro de 1986.
Equipe da Campanha Javari

Endereços para contato ou quaisquer informações suplementares:

Campanha Javari
Edifício Venâncio III - sala 311
Tel: (061) 225-9457 --- Caixa Postal - 11.1159
Cep: 70084 - BRASÍLIA/DF

ENDERECOS PARA ENCAMINHAMENTO DOS PROTESTOS

Presidente da República
Sr. José Jarney
Palácio do Planalto
Praça dos Três Poderes
70.054 - Brasília/DF

Ministro Ronaldo Costa Couto
Ministério do Interior
Esplanada dos Ministérios
70.054 - Brasília/DF

Ministro Dante de Oliveira
Ministério do Desenvolvimento e Reforma Agrária
Esplanada dos Ministérios
70.054 - Brasília/DF

Presidente da Funai
Sr. Romero Jucá
FUNAI
SRTS 702
70.000 - Brasília/DF

Sr. Sebastião Amancio
Superintendente da Funai
Rua dos Andradas, 569
69.000 - Manaus-AM

Comissão do Índio
Câmara do Deputados / anexo 3
70.160 - Brasília/DF